

Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras

*Eunice Sueli Nodari**

O estudo de grupos migratórios é recorrente na historiografia, entretanto as motivações que fazem com que as pessoas optem por uma região geralmente são abordadas de forma superficial ou como um aspecto secundário do trabalho. Nós partimos do princípio que para termos uma melhor compreensão da construção do modo de vida que os migrantes estabelecem é essencial sabermos as motivações e razões da opção para uma região específica.

A migração é um fenômeno interessante em si mesmo, e ela se constitui num interessante aspecto no diagnóstico das estruturas sociais e econômicas das sociedades de origem e de recepção das pessoas. Sem dúvida, os motivos envolvidos na migração no passado eram complexos assim como os são nos dias atuais; e no afã de explicá-los tem havido várias tentativas para simplificar esses processos. As classificações dos tipos de migração como atração/expulsão ou a idéia de subsistência ou melhoria de vida são formas úteis para análise desde que nos lembremos das suas limitações

* Departamento de História - UFSC.

conceituais. Assim como a divisão dos estudos em migração interna e emigração é uma construção artificial, uma vez que ela se baseia em fluxos dentro ou através de limites igualmente artificiais ou arbitrários. Esses dois movimentos não são somente complementares mas também são freqüentemente elementos do mesmo processo.

Ao iniciarmos a pesquisa sobre migração de grupos étnicos para o Oeste de Santa Catarina¹, buscamos diferentes referenciais teóricos que nos servissem para a montagem de uma metodologia de trabalho. Os primeiros autores utilizados para a discussão são provenientes da Alemanha, onde inúmeros pesquisadores tentam explicar como a Alemanha se transformou num país de emigrantes para um país de imigrantes a partir da segunda metade do século XX. Wolfgang Köllmann e Peter Marschalck², analisam no texto a emigração alemã para os Estados Unidos da América. Os autores consideram como fatores decisivos para o aparecimento de movimentos migratórios as condições econômicas e sociais do local de origem dos migrantes. Além disso, de acordo com os mesmos autores, a direção e meta desses movimentos seriam determinadas pelo fato de saberem que teriam melhores chances para um desenvolvimento econômico e social em outro local. Em síntese, os autores mostram que cada migração pode ser definida como um esforço para remover disparidades econômicas, sociais e mesmo culturais existentes entre as duas áreas³.

Köllmann e Marschalck argumentam, e aqui no nosso entender se encontra a parte original da teoria dos autores, que as pessoas que partem, além de terem conhecimento da região de destino, também têm feito uma avaliação do local pelas suas próprias normas sociais fazendo com que o ato de migrar seja resultante de uma tomada de decisão consciente, pelo menos no momento, independente do tipo de motivação, para abandonar a região. As motivações são classificadas, de acordo com os autores, em: ideológicas e/ou religiosas, pessoais e/ou econômicas, socioeconômicas e políticas⁴. Geralmente a classificação em que se insere os movimentos migratórios do Sul do Brasil é a socioeconômica pois neste tipo de migração as pessoas percebendo que sua posição social e a de seus

descendentes estava em perigo, no momento de escolherem o local de destino avaliavam, principalmente, as possibilidades de preservar o seu padrão social, ou ainda uma possível melhora do mesmo. Estes mesmos migrantes levavam consigo, ou pelo menos tentavam, o modelo de estrutura sociocultural e econômica da região de origem para a área de destino.

Uma segunda leitura teórica importante data de 1991 e tem como organizadores Colin G. Pooley e Ian D. Whyte, intitulada *Migrants, emigrants and immigrants: a social history of migration*⁵. A importância da leitura de seus textos reside na ênfase que dão à necessidade de formulação de certos questionamentos sobre os imigrantes e a natureza dos movimentos migratórios, que são feitos por todos os que estudam o fenômeno, como por exemplo: quantos migraram, quem, onde e por quê? Entretanto, essas questões básicas são válidas, desde que elas nos conduzam a outros pontos a serem investigados sobre os efeitos causados pela migração, tanto das áreas de origem, como as de destino dos migrantes⁶.

Em suas análises da literatura existente sobre migração, nos países de língua inglesa, Colin G. Pooley e Ian D. Whyte chegaram à conclusão que, apesar da existência de um grande número de trabalhos escritos, a maioria deles são superficiais e/ou incompletos, além de haver uma preocupação maior com a metodologia a ser empregada do que a filosofia, pois a maior parte da pesquisa simplesmente é feita em cima da análise dos dados empíricos.

No entender desses autores existem cinco deficiências básicas nas pesquisas existentes sobre migração, as quais iremos descrever, por consideramos as mesmas como pontos importantes a serem observados quando analisamos obras existentes sobre o tema e também para utilizarmos as sugestões dadas.

A primeira deficiência é que, os estudos, em sua maioria, são baseados, principalmente, em dados quantitativos, de larga escala, gerando a produção de uma perspectiva impessoal no qual o curso do movimento substitui o indivíduo e as causas da migração são presumidas em vez de provadas, sendo interpretadas de uma forma simplista e generalizada. Tais trabalhos nos fornecem importantes informações quantitativas em grande escala e com isso demons-

tram claramente os padrões de migrações inter-regionais e internacionais, entretanto, esse tipo de análise nos mostra muito pouco ou nada sobre o processo de movimento populacional ou as causas e efeitos da migração⁷.

A segunda reside no fato de que a maior parte das análises é de natureza estática, providenciando um cruzamento de dados em anos, em vez de uma visão dinâmica do processo em andamento. Este é o caso de pesquisas que se baseiam, principalmente, em uma única fonte, como por exemplo os dados censitários do século XIX. Os autores lamentam que muitos estudiosos usam somente essas evidências dos censos para descrever o processo migratório, o que não é um quadro acurado da experiência migratória, pois é esquecida completamente a sequência de fatos que compõem vida das pessoas⁸.

A terceira deficiência refere-se ao uso do número de fontes, pois como um estudo detalhado exige o uso de vários tipos e a ligação dos indivíduos com os dados, tais estudos acabam se resumindo a pequenas comunidades. Dessa forma, através dos historiadores locais, nós sabemos um pouco sobre migração em vilas específicas e pequenas cidades, mas continuamos sem saber, segundo os autores, como ocorreu o processo migratório nas cidades de médio e grande porte⁹.

A quarta falha, segundo os autores, se relaciona com o fato de que onde existem informações explícitas sobre os motivos e os efeitos da migração, isso pode ser considerado de pouca representação para a comunidade como um todo. O material coletado de diários e de cartas pode fornecer consideráveis pistas sobre os motivos pessoais da migração, assim como também detalhes de como ocorreu todo o processo. Infelizmente, o material é escasso. Os diários e as histórias orais podem incluir informações relevantes sobre o assunto, mas poucos estudos tentaram reunir uma grande quantia de experiências individuais da migração, assim como também não testaram a importância desse material¹⁰. Sabemos que a história oral pode nos fornecer relatos cheios de detalhes da vida dos imigrantes que ilustram o contexto no qual aconteceu a imigração de uma forma que poucas fontes escritas são capazes de fazê-la.

Já a quinta deficiência constatada é a concentração de estudos em certos períodos, em que existem mais informações e dados estatísticos. Assim nós sabemos mais sobre alguns períodos da história do que outros, pois nem sempre os pesquisadores sabem ou-
sar em busca de novas fontes de pesquisa¹¹.

Os referidos autores enfatizam, também, que, a maior parte das deficiências apontadas é inerente aos dados, transformando-se em uma consequência inevitável das fontes e métodos empregados. No entender dos mesmos, isso não significa que os estudos feitos anteriormente tenham sido mal executados – de fato muitos deles foram bem elaborados e contribuíram enormemente na literatura histórica – mas todos eles representam os problemas que implicam nos trabalhos migratórios.

Os dois grupos de autores, acima mencionados, analisam a importância das estruturas socioeconômicas no estudo da imigração, mas têm diferentes perspectivas de abordagem. Köllmann e Marschalck, cujos estudos apareceram na década de 70 do século XX, no auge do recrutamento de estrangeiros para a Alemanha, para trabalharem como *guest workers* (trabalhadores “convidados”), concentraram os seus estudos nas motivações que levavam as pessoas emigrarem de uma região a outra. Colin G. Pooley e Ian D. Whyte, apesar de considerarem importante as motivações que levavam as pessoas a migrarem, preocuparam-se, principalmente, com os efeitos causados por essas migrações, tanto nas áreas de origem quanto nas de destino. O período em que esses últimos estudos foram realizados, coincidiu com o momento em que se intensificavam as preocupações sobre os efeitos das migrações contemporâneas na Europa, e com o surgimento de movimentos se opondo à entrada de migrantes asiáticos, africanos e latino-americanos, que além de onerarem os cofres públicos eram contratados como mão-de-obra barata, tirando a oportunidade de emprego dos próprios habitantes do país.

Inúmeros outros estudos foram utilizados e a partir deles construímos os pontos básicos para entendermos os movimentos migratórios do século XIX e até a metade do século XX no Sul do Brasil. Os estudos sobre migração devem estar explicitamente rela-

cionados a fatores tais como: possibilidade de manutenção da cultura étnica e religiosa, prosperidade ou pobreza econômica regional, disponibilidade de terras, variações salariais e oportunidades de emprego, a disponibilidade e custo dos transportes e a topografia sobre a qual o movimento aconteceu, a possibilidade de informações através de familiares ou rede de amigos ou propaganda, barreiras sociais e culturais da língua e cultura que talvez tenham inibido o movimento e controle político no movimento de migração. A importância desses aspectos deveria ser óbvia, mas é surpreendente como poucos estudos os utilizam explicitamente.

A própria migração é um conjunto de práticas socioculturais que podem ser adotadas quando problemas estruturais colocam pressão em uma pessoa ou família e faz com que a migrem para um outro lugar para modificar um problema estrutural particular. Entretanto, ao se mudar um conjunto inteiro de sujeições e problemas será encontrado e o próprio ato de migrar requer reações individuais para se adaptar às novas circunstâncias.

O conhecimento de metodologias preestabelecidas facilita o trabalho do pesquisador, indicando caminhos, mostrando as suas falhas e possibilidades de acertos que existem na adoção de um método e de outro e, mais importante, auxiliam na formulação de uma metodologia própria no caso sobre os movimentos migratórios do Oeste de Santa Catarina.

A história de qualquer região é a história de cada grupo que faz parte da sua população. Assim a sua história não é a saga de uma única etnia e sim de grupos diferentes. Somente quando observamos como esses grupos, às vezes, se encontram e se fundem no caminho, e em outros momentos divergem e se mantêm distintos é que começamos a entender o complicado labirinto que é a história dos migrantes¹².

Para o nosso estudo partimos do pressuposto que os migrantes que optaram pelo Oeste de Santa Catarina tinham entre as suas principais motivações a busca da manutenção do padrão socioeconômico e cultural, e mesmo a melhoria dele. Era dado a entender a esses colonos, através de diferentes meios, pelos quais eles avaliavam as condições da região, que poderiam manter as suas famílias unidas devido à fartura de terras e que teriam condições de

construir comunidades de acordo com a sua cultura étnica fosse ela ítala ou teuta, enquanto que a renegociação dessas práticas socioculturais, impostas no decorrer do período, não haviam sido cogitadas por eles.

Essas informações que permitiam uma escolha e uma avaliação sobre o Oeste de Santa Catarina chegavam até as pessoas através de agentes das companhias colonizadoras, de cartas de familiares e de amigos que já haviam migrado, notícias e propagandas publicadas nos jornais e anúncios nos rádios, livros, manuais, panfletos, almanaques e pregações de padres e pastores. Não é fácil avaliarmos a eficácia dessas fontes, mas parece evidente que elas surtiam efeito, se, por exemplo, observarmos o número de notícias e propagandas nos jornais, o número de agentes espalhados nas regiões, e as entrevistas realizadas com antigos migrantes que ajudavam a mostrar também o porquê da opção de migrar para a região.

As companhias colonizadoras pertencentes, em sua maioria, a empresários do Rio Grande do Sul, tornaram-se as principais responsáveis pelo processo de recrutamento e povoamento do Oeste de Santa Catarina. Competia a elas pôr em prática a opção de uma migração dirigida a grupos específicos que se adequassem aos padrões estabelecidos pelo Governo Estadual e pelas próprias companhias, ou seja, que povosassem e colonizassem a região ordeiramente. A escolha das colonizadoras recaiu sobre os teutos e ítalos brasileiros, estabelecidos no Rio Grande do Sul, onde já haviam demonstrado a capacidade de colonizar e haviam se mostrado, como foi definido pelo jornal *República*, em 1932, como “morigerados e trabalhadores”¹³.

Pelo número de companhias colonizadoras formadas para atender a região, podemos deduzir que era um negócio financeiramente atrativo e, no caso de algumas delas, como a Brazil Development and Colonization Company, a Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia., a Empresa Colonizadora Bertaso, Maia e Cia., mais tarde conhecida como Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso e a Empresa Construtora e Colonizadora Oeste Catarinense Limitada, mais tarde conhecida como Companhia Territorial Sul Brasil, o governo concedia as terras devolutas em troca da construção de estradas¹⁴.

O quadro abaixo nos mostra as principais colonizadoras que atuaram no Oeste de Santa Catarina.

COLONIZADORA	SEDE	ÁREA DE ATUAÇÃO
Brazil Development and Colonization Company	Portland (EUA),	Cruzeiro/Joaçaba e Chapecó
Empresa Colonizadora Lucc, Rosa & Cia.	Rio Grande do Sul	Cruzeiro/Joaçaba e Concórdia
Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso	Rio Grande do Sul e Santa Catarina	Chapecó – sede e outras áreas
Companhia Territorial Sul Brasil	Rio Grande do Sul	Chapecó (Extremo-Oeste)
Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons & Cia. (H. Hacker e Cia.)	Rio Grande do Sul	Cruzeiro/Joaçaba
Empresa Chapecó- Peperi Ltda.	Rio Grande do Sul	Chapecó – Mondai
Volksverein für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Chapecó – colônia Porto Novo/Itapiranga
Barth, Beneti & Cia. Ltda. (Barth, Annoni & Cia. Ltda.)	Rio Grande do Sul	Chapecó – região de São Miguel d'Oeste
Angelo di Carli, Irmão & Cia.	Rio Grande do Sul	Chapecó e Cruzeiro/Joaçaba
Nardi, Bizzo, Simon & Cia.	Rio Grande do Sul	Chapecó e Cruzeiro/Joaçaba
Irmãos Lunardi	Rio Grande do Sul	Chapecó
Empresa Povoadora e Pastoral Theodore Capelle	São Paulo	Cruzeiro/Joaçaba – Concórdia
Estado de Santa Catarina	Santa Catarina	Chapecó – (Itaberaba e Itacorubá)

Tabela 1 - Colonizadoras que mantinham negócios no Oeste de Santa Catarina.

Os descendentes dos alemães e italianos, ao optarem pela migração para o Oeste de Santa Catarina, acreditavam que poderiam recriar as suas práticas socioculturais, idéia essa que era passada pelas próprias colonizadoras que haviam feito um investimento bastante oneroso na compra de terras, na abertura de estradas, precisando haver um retorno financeiro rápido para manter os compromissos assumidos com o governo ou com a empresa concessionária das terras. A forma mais eficiente para alcançar o sucesso pretendido era a montagem de um esquema de publicidade e de recrutamento nas principais colônias do Rio Grande do Sul com condições de fazer frente à concorrência entre as diferentes colonizadoras. As formas de propagandas mais utilizadas pelas colonizadoras na atração de novos habitantes para a região eram os anúncios e as reportagens dos jornais, os almanaques anuais, os cartazes que eram afixados em pontos estratégicos, panfletos, livros e, principalmente, os agentes contratados pelas companhias.

Os agentes das colonizadoras constituíram-se, como fora planejado, no maior grupo de recrutamento de colonos. As companhias exigiam certos requisitos para contratarem os seus agentes

como ser ou ter sido colono, ser conhecedor de terras, ou ser comerciante e, ainda, dispor de círculo relativamente amplo de parentes ou de amigos a quem oferecer a terra, além de ter credibilidade, pois de sua habilidade dependeria parte do sucesso da colonização, além de receber um percentual sobre a venda de lotes.

No caso de algumas companhias, eram os proprietários os principais divulgadores da empresa, e esses mantinham um controle absoluto sobre a colonizadora, e era o seu próprio nome que inspirava confiança aos futuros compradores. O caso mais típico era o do Coronel Ernesto Francisco Bertaso, de origem italiana, natural do Rio Grande do Sul, que exigia de todos os seus agentes a prestação de contas completa e mantinha correspondência constante com eles.

Os agentes utilizavam todos os meios que estavam à sua disposição para persuadir as pessoas a comprarem terras das companhias que eles representavam, pois somente assim teriam bons ganhos. No caso dos agentes da Cia. Territorial Sul Brasil, os mesmos recebiam um percentual de 10% sobre o valor da venda¹⁵. Vários agentes visitavam pessoalmente todas as casas, de uma determinada comunidade, em que os argumentos por eles utilizados, geralmente, eram convincentes. Segundo o senhor Arthur Thessing, de origem alemã, um dos que cedeu aos apelos dos agentes migrando para a região, o maior argumento usado para a venda de terras no Oeste era o seu preço e a sua fertilidade:

Muito boa. Diziam que dava tudo. Café, banana, açúcar... diziam que em cada pau oco tinha uma abelheira com mel. Era perigoso pois tinha tigre, mas diziam isto para atrair os caçadores. Dava de tudo, só que não disseram que não tinha comércio para vender estas coisas¹⁶.

Outra técnica utilizada pelos agentes era o cerco e a persuasão de um determinado membro de uma família, iniciando assim uma corrente migratória familiar. Através das entrevistas realizadas com essas pessoas, podemos observar que, uma vez conhecendo o local através dos agentes, eles acabavam trazendo os demais membros da família, como nos relata a descendente de alemães, Diva Lambert Scheufele, nascida em Taquara (RS), filha de Balduino Lambert e

Ely Hörnick: “lá, no Rio Grande do Sul, o nosso avô estava muito bem, tinha atafona, não é? E tinha só quatro filhos”¹⁷. O caso dessa família evidencia que o poder de persuasão dos agentes atingia mesmo aqueles que estavam em boa situação financeira e com poucos filhos, não sendo necessário o deslocamento por razões econômicas.

Assim como os familiares, também os amigos e vizinhos acabavam influenciando no processo migratório. A família Grapagea, de origem ítalá, que migrou para Água Doce, então município de Cruzeiro/Joaçaba, em 1936, ficou sabendo das terras por intermédio de um amigo e vizinho que já havia migrado antes para Catanduvás, município de Cruzeiro/Joaçaba¹⁸. O mesmo aconteceu com grande parte das pessoas que povoaram Água Doce, em que “um comunicava o outro e vinham vindo”¹⁹.

As famílias numerosas eram alvo das colonizadoras, e podem ser apontadas até certo ponto como uma das causas da migração das colônias velhas do Rio Grande do Sul, para as novas terras em Santa Catarina. No Oeste, ainda era possível a compra de glebas de terras contíguas, o que permitia que as famílias permanecessem unidas, o que já não estava ocorrendo no Rio Grande do Sul, onde as famílias tinham que se separar, pela falta de áreas perto dos pais. Esta foi a motivação que levou os pais de Alzira Lúcia Grohser a abandonarem Montenegro (RS) e optarem pelo Oeste:

Olha o motivo principal é que todos já eram agricultores. Os meus pais já eram, os meus avós eram agricultores, já vieram aqui para o Brasil, com exceção de alguns, a procura de novas terras o que também conseguiram em muita abundância aqui na região Sul. No Rio Grande do Sul já havia muito desmatamento, as terras já eram muito trabalhadas, mas também era muito difícil para casais jovens adquirirem novas áreas. Então, o plano dos meus pais era o seguinte: com a família numerosa, ir para lugares onde ainda tinha áreas a serem adquiridas com menos dinheiro, áreas boas para a agricultura, para o campo para toda a finalidade²⁰.

Um outro grande aliado dos agentes era a imprensa escrita, especialmente os jornais que constituíam-se, desde o século passado, na Europa e no Brasil, em uma grande fonte de informação e

de propaganda, pois eram eles que atingiam os habitantes das áreas rurais mais distantes²¹. Era através dos jornais que os futuros migrantes conseguiam informações da região, das oportunidades oferecidas, da localização e da venda de lotes das diferentes colonizadoras, além do desenvolvimento das diferentes colônias permitindo comparações. Os jornais mais lidos, segundo informações dos entrevistados, nas áreas de recrutamento no Rio Grande do Sul, eram: *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* (Porto Alegre), *Staffeta Riograndense*²² (Caxias do Sul), *Diário da Manhã* e *O Nacional* (Passo Fundo), *Correio Serrano* (Ijuí).

As companhias colonizadoras estavam conscientes da eficácia dos jornais e os usavam para divulgar as terras, como demonstra o anúncio da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons & Cia., publicada no jornal *Staffeta Riograndense*, do dia 18 de abril de 1929. No anúncio, em italiano, eram anunciadas as vantagens das terras, a sua localização, o acesso, os preços e as condições de pagamento. Os lotes, de acordo com o anúncio, foram demarcados de tal forma que todos tivessem água corrente em abundância. Quanto ao clima, era o melhor que se poderia desejar, semelhante aos municípios das colônias italianas do Rio Grande do Sul, e adequado a várias culturas, principalmente ao milho, feijão, trigo, alfafa, fumo e, ainda, propício à plantação de parreiras para a produção de um bom vinho. Eles, também, salientavam a importância da localização das terras perto da estrada de ferro²³.

As facilidades oferecidas pelas companhias colonizadoras aos colonos e os ganhos econômicos que teriam no decorrer do tempo nas novas colônias, eram parte fundamental da propaganda e eram valorizadas para chamar a atenção como, por exemplo, o transporte até as terras fornecido pelas colonizadoras, sem custo para os compradores²⁴.

Essa mesma colonizadora, assim como outras, incentivava os jovens a migrarem, como comprova o depoimento dado por Caetano Chiuchetta, um dos dezoito filhos de José Chiuchetta²⁵, imigrante italiano que havia se fixado em Caxias do Sul, no século XIX. O entrevistado migrou com 23 anos para a região do atual município de Concórdia, então pertencente a Cruzeiro/Joaçaba, incentivado pela “em-

presa colonizadora. Me mandaram aqui porque eu era moço e que convidasse mais rapaziada”²⁶. A atração de jovens fazia parte das táticas das companhias, pois eram eles que estavam ficando sem condições de comprarem terras contíguas as de seus pais.

A comparação dos preços das terras do Rio Grande do Sul com as do Oeste de Santa Catarina²⁷ também era outro elemento de atração utilizado pelas companhias colonizadoras, que faziam questão que na comparação esse aspecto fosse devidamente destacado na imprensa escrita:

O colono vende a sua colônia em Caxias ou Guaporé e com o dinheiro que recebe por uma colônia, lá no vizinho Estado, *compra duas colônias em Chapecó*²⁸, ou seja na fazenda do Sargento, que é mais distante da estrada de ferro, ou seja na fazenda do Gregório, do Coronel Ernesto F. Bertaso que é mais próxima. Isto é que é²⁹.

Outro método de divulgação para a venda das terras era a publicação de guias de viagem ou manuais. Este método bastante utilizado na Alemanha, por agentes norte-americanos e brasileiros, ainda no século XIX, para atrair imigrantes, consistia na publicação de guias que traziam, na primeira parte da obra, informações gerais sobre o país, e, na segunda parte, havia uma descrição completa sobre a região específica³⁰.

A técnica da publicação de guias foi utilizada pela *Volksverein für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul*, também conhecida como Sociedade União Popular do Rio Grande do Sul, responsável pela vinda de migrantes para Porto Novo/Itapiranga. Esta publicação, foi amplamente, distribuída no Rio Grande do Sul, em algumas regiões de Santa Catarina e, também na Alemanha. O guia³¹ descreve a região onde se localiza a colônia Porto Novo, a evolução nos primeiros anos, faz uma descrição geográfica, a divisão dos lotes em áreas rurais, a parte urbana e os seus respectivos preços. O clima, a terra, as culturas agrícolas viáveis, a produção e a sua venda, a parte social e cultural da colônia e, ainda os seus visitantes ilustres fazem parte de um capítulo bastante extenso. Além de toda a descrição geográfica e econômica, os autores salientam as condições para as pessoas se tornarem aptas a adquirirem terras da companhia: serem praticantes da religião católica e falarem a língua alemã³².

Os agentes das colonizadoras sabiam que o atendimento religioso na comunidade era importante para a manutenção das práticas socioculturais e que no Rio Grande do Sul já contavam com a presença regular de padres e pastores. Dessa forma, a valorização do sentimento religioso passou a fazer parte da propaganda das colonizadoras, como mostra o “panfleto” impresso pelo agente colonizador José Petri, onde o mesmo faz recortes de uma declaração da Igreja impressa no Boletim Diocesano de Santa Maria (RS), de 25 de janeiro de 1919, em benefício da colonizadora que o mesmo representava:

[...] Tendo chegado ao nosso conhecimento que algumas empresas colonizadoras, para atraírem colonos e decidirem-nos a dar-lhes preferência na compra de terras alegam em seus prospectos e anúncios, promessas, ou que outro nome tenha, de sacerdotes estáveis que a modo de Curas de almas atendam as necessidades espirituais dos que se estabelecerem nessas novas colonizações, declaramos para evitar surpresas e decepções funestas, que embora sumamente desejosos... não temos feito nenhuma promessa nem assumido compromisso nenhum pela razão muito simples da grande escassez de sacerdotes. [...] ³³.

A melhor forma de atrair pessoas, que pretendiam manter as suas práticas socioculturais, que almejavam conviver somente com membros do mesmo credo ou etnia, era decidida pelas próprias companhias colonizadoras, que tentavam com isso atrair com mais facilidade os colonos.

Procurando cada qual alcançar o melhor êxito, as administrações dessas companhias tem sido incansáveis em sua maioria na orientação de seus objetivos, e assim vê-se todas onde predominam exclusivamente elementos católicos, outras constituídas unicamente por protestantes, etc ³⁴.

As duas companhias mais exigentes em relação à etnia e ao credo religioso eram a Sociedade União Popular (*Volksverein*), que permitia o assentamento somente de alemães católicos, e a Companhia Territorial Sul Brasil com colônias separadas de alemães católicos, alemães evangélicos e italianos.

As propagandas publicadas nos jornais e revistas explicitavam essas divisões por etnias ou credos, como explicita este fragmento do *Kalender der Serra Post*, de 1928:

Os nossos principais lugares são Cascalho e Palmitos. As áreas são divididas entre alemães e italianos, católicos e protestantes. [...] Toda a área é dividida em duas partes: católicos para São Carlos e os protestantes para Palmitos. Ambos os lugares possuem a residência pastoral. Atualmente existem duas Igrejas e dezenove estabelecimentos escolares, que são cuidados pelas comunidades e por nós auxiliados.[...] ³⁵.

Esse tipo de divisão por etnia e/ou por credo religioso contribuiu para a manutenção e criação de práticas socioculturais específicas desses grupos, definindo, assim, num primeiro momento, uma cultura étnica que gerava solidariedades no interior do grupo e que os mantinha distantes de tensões internas e externas.

Os resultados das companhias colonizadoras com um massivo recrutamento eram comentados em notícias publicadas na imprensa. O jornal *A Voz de Chapecó*, em inúmeras de suas edições, desde o seu aparecimento em 1939, trazia notícias relacionadas com a atuação das companhias colonizadoras, mostrando a eficiência das mesmas no trabalho de sedução de colonos para a região, como também as atrações oferecidas pelas terras da região e as facilidades oferecidas, como mostra a notícia publicada em 1948:

A Cia Sul Brasil, com escritório em Passarinhos, registrou no ano findo, a entrada de mais de mil e seiscentas famílias, que se estabeleceram nos distritos de Passarinhos e São Carlos, todas elas vindas do Rio Grande do Sul, trazidos unicamente pela fertilidade das terras de Chapecó, e além disso dadas as facilidades de aquisição feita pelos colonizadores [...] ³⁶.

Se para o Oeste de Santa Catarina era vista como positiva a vinda de pessoas do Estado vizinho, a saída de grandes grupos de migrantes do Rio Grande do Sul era uma questão problemática para as autoridades regionais, no início da década de 40, gerando polêmicas no Estado e nos municípios de origem, alimentadas tan-

to pela imprensa escrita de Santa Catarina, quanto pela do Rio Grande do Sul.

[...] noticiamos que o impulso colonizador de Chapecó continuava intenso, se observando a chegada contínua de caminhões, trazendo colonos que procuravam comprar terras neste município. [...] Um correspondente, em Florianópolis, do Diário de Notícias, de Porto Alegre, felizmente sem mencionar que leu a tal notícia em a Voz de Chapecó, telegrafou a seu jornal, e este em sua edição de 23 do mês passado, publicou a notícia em negrito e com título Êxodo de Colonos Riograndenses e em letras garrafais abrangendo todo o alto da página; - Emigração de Colonos Riograndenses para as Terras Agrícolas de Chapecó³⁷.

A polêmica aumenta quando a migração ocorre em maior número em áreas com grande atuação dos agentes de recrutamento, como mostra a notícia publicada no dia 19 de maio de 1940:

Um telegrama de Caxias diz que um grande número de colonos está se transferindo para outros Estados, abandonando a terra caxiense, se queixando da taxa tributária, etc., etc. A vista disso o repórter falou pelo telefone com o Delegado Regional de Caxias, o qual explicou que se tratava de uma sociedade comercial que comprou terras em Santa Catarina e que, efetivamente muitos colonos tiraram salvo conduto para ir ver essas terras, não se tratando de êxodo, nem assunto para sensacionalismo³⁸.

O jornal de Chapecó aproveitou a ocasião para fazer uma crítica camuflada através de uma suposta explicação: “é a atração que as terras de Chapecó estão exercendo sobre os lavradores riograndenses. [...] e com os seus esforços e com a ajuda de Deus, tem sido felizes”³⁹. Esse tipo de discussão acabava despertando, também, a curiosidade dos leitores sobre a região, sendo uma forma indireta de atração.

Uma forma segura de dirimir dúvidas, que eventualmente persistiam sobre a região, eram as cartas particulares ou pessoais que representavam um elo muito forte entre os pontos de partida e de chegada das pessoas. Na introdução de seu livro *Briefe aus Amerika: deutsche auswanderer schreiben aus der neuen welt* (Cartas da América:

emigrantes alemães escrevem do Novo Mundo), o autor Wolfgang Helbich⁴⁰ demonstra que as cartas mostram aquilo que nem dados estatísticos e nem mesmo as teorias de assimilação são capazes de perceber, ou seja,

[...] como o imigrante julgou e se tornou conhecido na nova sociedade, como se adaptou as diferentes condições, como lidou com o desafio de uma existência entre duas culturas e finalmente o que ele sentiu durante o processo no qual seus valores antigos foram colocados em questão⁴¹.

Por meio das entrevistas realizadas com pioneiros, constatamos a influência exercida por essas cartas de familiares, enviadas por membros já estabelecidos na região. Diva Lambert Scheufele, já citada anteriormente, hoje com 84 anos, e residente em Cruzeiro/Joaçaba, migrou aos 11 anos e relembra que “o irmão do meu pai veio primeiro e ele escrevia para nós, para nós virmos, porque aqui era bom, era um futuro. E foi mesmo”⁴². Toda a família, com exceção dos seus avós que permaneceram no Rio Grande do Sul, acabou se estabelecendo em 1924 no município de Cruzeiro/Joaçaba.

A eficácia das cartas, como veículos de propaganda, evidentemente não pode ser comprovada em números, pela falta de dados quantitativos e sobre quantas pessoas as leram, entre elas quantas foram seduzidas pelas suas mensagens, mas pode ser comprovada se trabalharmos com a hipótese de que elas não eram lidas somente pela família, mas também por todo um círculo de amizade e vizinhança, além de serem utilizadas pelas colonizadoras como meio de propaganda⁴³.

É importante salientarmos que o trabalho das companhias colonizadoras que atuavam no Oeste de Santa Catarina não se resumiu ao Rio Grande do Sul, estendeu-se para outras áreas do Brasil e mesmo a outros países, principalmente à Alemanha. Os agentes das colonizadoras agiam nos locais de entrada de imigrantes alemães, como os portos do Rio de Janeiro e de Santos. O senhor Augusto Scheröder, natural de Wetzlar, Alemanha, emigrou, aos 14 anos, juntamente com os pais Roberto Scheröder e Catarina Rödinger

Scheröder, no ano de 1923 e, de acordo com o seu relato, nada conheciam da região, optando pela mesma através de agentes da Companhia Colonizadora Mosele, Eberle, Ghilardi e Cia⁴⁴.

O mesmo destino foi seguido pelos pais do senhor Fritz Guilherme Scheufele, esposo de Diva, que emigraram da Alemanha em 1924. Após terem perdido todas as suas economias na inflação de 1923, o pai se viu impelido a emigrar, inicialmente sozinho, mais tarde trazendo a família. Escolheu o país devido “a propaganda do Brasil na Alemanha, terras boas, plantio e todas as coisas e lá já estava ruim, depois da Primeira Guerra Mundial”⁴⁵. Essas propagandas, segundo o entrevistado, apareciam “em boletins, umas revistas, tudo em alemão [...]”⁴⁶. A opção pelo município de Cruzeiro/Joaçaba ocorreu, graças à influência de vizinhos da Alemanha, a família Specht⁴⁷ e Johan Hegler que haviam emigrado dois anos antes e com as quais mantinham correspondência. Nas cartas, ainda de acordo com o entrevistado, havia a descrição das vantagens da região que estava localizada “perto da estrada de ferro e o clima não era assim tão tropical, era um clima mais ou menos, não o europeu mas era temperado”⁴⁸. Mais uma vez, podemos constatar a influência do conteúdo das cartas, falando sobre a região e a possibilidade de construção de seu mundo sociocultural, enviadas a familiares ou conhecidos no processo de imigração.

É evidente que essas informações sobre o Brasil ajudavam os alemães a fazer um balanço da sua situação doméstica concluindo que talvez conseguissem criar no Oeste de Santa Catarina a vida sociocultural que tinham em sua imaginação e que havia sido tirada deles durante a Primeira Guerra Mundial.

Os vários exemplos lembrados por colonos ajudam a ilustrar como os agentes e as propagandas sobre as terras da região conseguiram trabalhar com o sentimento de insatisfação das pessoas pela situação reinante, alimentando ou reascendendo as esperanças de uma vida melhor.

Entre as colonizadoras que agiam diretamente no estrangeiro temos a *Volksverein*, que mantinha dois escritórios na Alemanha, ambos ligados a grandes organizações de emigrantes como a *Sankt Raphaelsverein zum Schutze katholischer deutscher Auswanderer*, com sede

na cidade de Hamburgo, e o *Secretariat des katholischen Gesellensvereins*, localizado na cidade de Colônia⁴⁹. Inúmeros foram os imigrantes alemães católicos atraídos pelos escritórios da *Volksverein*. Grande parte desses imigrantes alemães acabaram se instalando, entre 1932 e 1934, na Linha Presidente Becker, comunidade do distrito de Itapiranga, então município de Chapecó. Provenientes quase todos de regiões vizinhas, na Alemanha, criaram nessa linha a sua comunidade e, apesar do manual da colonizadora afirmar que “colonizar é trabalho para agricultor”⁵⁰ grande parte destes imigrantes não conheciam o trabalho agrícola, o que acarretou problemas nos primeiros anos da colonização.

A fusão de uma propaganda promissora com a de uma situação caótica na Alemanha, acabava servindo como chamariz para aqueles que já haviam passado por uma guerra mundial e não pretendiam enfrentar uma outra guerra e as suas conseqüências. A família Dietz emigrou da região de Mecklenburgo para a Linha Presidente Becker atraída pela propaganda e “eles não queriam mais participar de outra guerra, então fugiram, não queriam estar lá quando estourasse outra. O meu sogro havia participado de toda a Primeira Guerra e não queria mais participar de nenhuma outra”.⁵¹

Situação idêntica foi a da família Kuck, natural da antiga Prússia Oriental, que emigrou com destino certo, a colônia de Porto Novo/Itapiranga, em Santa Catarina. Maria Lúcia Goerck, uma das quatro filhas do casal Josef Kuck e Ana Kuck relembra que seu pai era fotógrafo e relojoeiro na Alemanha e que o casal, ainda sem filhos, em 1934, foi atraído pela “*Volksverein*, que colocou propaganda na Alemanha dizendo que aqui era o paraíso. Só que não era bem assim e se eles pudessem teriam voltado”⁵². Maria relembra que todos “viveram por causa da propaganda da *Volksverein*, dos problemas econômicos que a Alemanha estava atravessando após a Primeira Guerra Mundial e o medo de acontecer uma outra guerra”⁵³.

O *Jahrbuch des Reichverbandes für die Katolischen Auslandsdeutschen* lido e publicado na Alemanha, relatou um histórico sobre a fixação dos teuto-brasileiros que, ao mesmo tempo, serviu como propaganda para atrair novos imigrantes para a região. No artigo é feita uma descrição das primeiras colônias e o deslocamento para novas fronteiras, mostrando a divisão das colônias católicas das protes-

tantes, mencionando Porto Feliz/Mondáí e Porto Novo/Itapiranga. Segundo o autor, os membros das famílias mantêm-se firmemente unidos. Quando os filhos casados necessitam migrar para as novas colônias, os pais vão junto. Tanto nas colônias velhas quanto nas novas já estabelecidas, no Rio Grande do Sul, o preço das terras é muito alto, impossibilitando a compra de lotes para todos os filhos, fazendo com que eles se desloquem e comprem terras para toda a família nas colônias recém-estabelecidas, e ainda sobra dinheiro. O autor faz, ainda, em 1931/1932, uma previsão de que no “ano 2000 encontraremos uma grande população alemã entre os rios Uruguai e Paraná, entre os rios Uruguai e Iguaçu e ao longo dos rios Paraná e Uruguai”⁵⁴. Esse epílogo promissor, mostrando a possibilidade de manutenção das suas práticas socioculturais, pode, sem dúvida, ter influenciado na vinda de alemães para a região, pois foi o período que um grupo deles veio da Alemanha para Porto Novo/Itapiranga.

Após a discussão das diferentes formas de propaganda e a ação das colonizadoras com seus vários métodos, a argumentação mais consensual de que as migrações de grupos, oriundos do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, ocorreram por causa da escassez de terras, torna-se uma explicação muito simplista, deixando muitas questões em aberto. Não estamos questionando se haviam terras excedentes ou não no Rio Grande do Sul. Argumentamos que a opção dos migrantes poderia ter sido por outra área, Estado ou ainda outro trabalho no Estado de origem, mas o que pesou sobremaneira na sua escolha foi a propaganda feita pelas companhias colonizadoras, nas suas mais variadas formas, sobre as vantagens do Oeste de Santa Catarina. Recorremos a senhora Diva para fortalecer a nossa posição:

Um tio meu veio primeiro, daí dois anos depois nós viemos. Meu avô sempre dizia: - os novos tem que procurar terra, por que já a terra está ficando pouca para muita família. O meu avô tinha atafona, potreiro enorme [...] Mas não tinha mais terra para plantar para os jovens⁵⁵.

O avô, da então criança Diva, tinha terras suficientes para si e seus filhos, mas acreditava que não seriam suficientes para uma di-

visão com os netos e assim sugeriu outras opções dentro do próprio Rio Grande do Sul. As possibilidades de se tornarem proprietários de terras no Oeste de Santa Catarina ou operários no seu Estado natal fez com que optassem pela migração para fora do Estado. E a entrevistada que saiu do Rio Grande do Sul ainda criança, para justificar que a escolha feita, então, foi a mais correta, conclui dizendo:

Eu já falei, muitas vezes, que eu agradeço meu pai, que nós viemos para cá, porque está vendo como estão mal as fábricas? E nós, nós não somos ricos mas cada um é dono de si, cada um tem a sua terra e tudo. Somos em cinco irmãos, quatro estão na colônia⁵⁶.

Outro dos nossos entrevistados, que fortalece a nossa posição sobre a escolha do Oeste de Santa Catarina, o senhor Luiz Traiano, natural do município de Garibaldi, que acompanhou os seus pais José Traiano e Elizabeth Marquese Traiano, em 1919, afirma que o pai, um pequeno comerciante italiano, teve problemas financeiros durante a Primeira Guerra Mundial e, mesmo tendo se recuperado economicamente:

[...] desgostou do lugar e essas propagandas sobre Santa Catarina, que era um lugar bom, tinha o Rio do Peixe onde os peixes eram tão grandes que precisava amarrar a linha. Aí meu pai disse: quer saber de uma coisa? Vamos lá para Santa Catarina. Isso foi em 1919 e por aí foi indo⁵⁷.

Todos esses grupos de teutos e ítalo constituídos, em sua maioria, por famílias, ao lado de uma pequena elite de origem portuguesa e dos antigos habitantes da região, os índios e os caboclos, são os construtores do Oeste Catarinense⁵⁸.

Mostramos, no decorrer deste artigo, a importância do trabalho das companhias colonizadoras para o processo de construção do Oeste. Parte do sucesso das companhias colonizadoras pode ser observado através das inúmeras vilas e povoados que foram construídos e, também, pelos dados censitários. Em 1920 a população do Oeste era pequena, comparada com a área. Existiam nos

dois municípios 24.650 habitantes⁵⁹, sendo que 11.315 eram moradores de Chapecó e 13.335 habitantes⁶⁰ residiam em Cruzeiro/Joaçaba. Duas décadas depois, o intenso trabalho das colonizadoras refletiu no aumento da população. O município de Chapecó atingiu um total de 44.660 habitantes,⁶¹ enquanto que em Cruzeiro/Joaçaba o número total era de 36.174⁶². As companhias colonizadoras, com suas diferentes técnicas, souberam trabalhar com as insatisfações e as esperanças dos teutos e itálos, mostrando-lhes, que na nova vida a ser iniciada no Oeste teriam condições de manter as suas práticas socioculturais e o seu padrão econômico, ou mesmo melhorá-lo. Contudo, essas práticas socioculturais, trazidas por esses migrantes, acabaram sendo renegociadas com as práticas dos outros grupos estabelecidos, formando uma mistura cultural específica para o Oeste de Santa Catarina.

Notas

1. Esta pesquisa culminou na tese de Doutorado. Para mais detalhes ver: NODARI, Eunice Sueli. *A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954)*. Porto Alegre, 1999. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
2. KÖLLMANN, Wolfgang; MARSCHALCK, Peter. German emigration to the United States. In: FLEMING, Donald; BAILYN, Bernard (eds). *Perspectives in American History*. Nova York: Harvard University Press, 1973, v. 7 p. 499-554. Apesar do texto referir-se à emigração alemã para os Estados Unidos, inúmeros conceitos e aspectos discutidos podem ser utilizados para outros movimentos migratórios, pois o texto alia teoria, metodologia e fontes de uma forma muito interessante.
3. Idem.
4. Idem.
5. POOLEY, Colin G.; WHYTE, Ian D. *Migrants, emigrants and immigrants: a social history of migration*. Londres: Routledge, 1991.
6. Idem.
7. Idem.
8. Idem.
9. Idem.
10. Idem.
11. Idem.
12. JULIANI, Richard N. *Building little Italy: Philadelphia's Italians before mass Migration*. Filadélfia: The Pennsylvania State University Press, 1998.
13. M. V. O Oeste Catarinense. *República*, Florianópolis, 16 de agosto de 1932, n. 551, p.2.
14. Essas companhias pagavam pelas terras um preço bem inferior ao Governo do Estado, consequentemente era uma competição difícil, pois na hora da venda os preços praticados teriam que ser diferentes devido aos custos. WERLANG, Alceu. A

Colonização às Margens do Rio Uruguai no Extremo-Oeste Catarinense. Atuação da Cia. Sul Brasil - 1925 a 1954. Florianópolis: UFSC, 1992, p. 27-28, (Dissertação de Mestrado).

15. De acordo com Werlang (1992).

16. Ibidem, p. 59.

17. SCHEUFELE, Diva Lambert. **Entrevista concedida a Flavia Mergener.** Joaçaba, julho 1996.

18. LUCHESI, Honorina Angela. **Entrevista concedida a Marjorie Jeane Setti.** Joaçaba, 8 de novembro de 1992.

19. Idem.

20. GROHSER, Alzira Lúcia. **Entrevista concedida a Josias Ricardo Hack.** Joaçaba, 25 de outubro de 1995.

21. A partir da metade do século XIX existiam na Alemanha inúmeros jornais dedicados, exclusivamente, a temas relacionados com a emigração, destacando-se o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. Cf. NODARI, Eunice S. **German emigration to Brazil in the nineteenth century: images and realities.** Davis, 1992, p. 38-39. (Dissertação Mestrado em História University of California-Davis).

22. Este jornal era publicado na língua italiana e, provavelmente, era o mais lido na região. Durante o Estado Novo houve a mudança de nome para Correio Riograndense, passando a ser publicado em português.

23. RADIN, José Carlos. **Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do Oeste Catarinense.** 2ª ed. Joaçaba: Edições UNOESC, 2001, Anexo 3.

24. Idem.

25. Após a morte de Carolina Comin, mãe do entrevistado, o pai casou-se novamente resultando um total de dezenove filhos, conforme entrevista.

26. CHIUCHETTA, Caetano. **Entrevista concedida a Sandra Mara Roman.** Joaçaba, 28 de novembro de 1992. Acervo UNOESC/Campus Joaçaba.

27. Uma colônia em Palmitos, inicialmente, custava em torno de "dois contos de réis", quando no Rio Grande do Sul o custo seria de "15 a 20 contos de réis". RENK, Arlene. **A reprodução social camponesa e suas representações.** O caso de Palmitos-SC. Rio de Janeiro, 1997, p. 85. (Tese Doutorado em Antropologia Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro).

28. Grifo nosso.

29. COLONOS. **A Voz de Chapecó**, 19 de maio de 1940, n. 45, p. 2.

30. Vários desses manuais foram analisados nas páginas 48 a 51 na minha tese de mestrado, já acima citada. Geralmente eram bem detalhados na descrição geográfica, sugeriam quem estava apto ou não para emigrar ou migrar para o local, os custos envolvidos, os meios de transportes e outros aspectos considerados relevantes pelos autores.

31. VOLKSVEREIN für die deutschen katholiken in Rio Grande do Sul. **Porto Novo – Brasilien: Siedlung für deutschsprechende katholiken am Uruguayfluss im Staate Santa Catharina in Brasilien.** Porto Alegre: Typographia do Centro, 1933.

32. Ibidem, p. 17-36.

33. Radin, 2001, p. 137.

34. M. V. Oeste Catarinense. **República.** Florianópolis, 22 de dezembro de 1932, n. 657.

35. Renk, 1997, p. 81-82.

36. COLONIZAÇÕES que surgem. **A Voz de Chapecó**, 25 de abril de 1948, n. 182, p.4.

37. QUAL ÊXODO, nada. **A Voz de Chapecó**, 17 de março de 1940, n. 36, p.1.

38. COLONOS. **A Voz de Chapecó**, 19 de maio de 1940, n. 45, p. 2

39. Idem.

40. HELBICH, Wolfgang, ed. **Briefe aus Amerika: deutsche auswanderer schreiben aus der neuen welt – 1830 –1930.** München: Beck, 1988.
41. Ibidem, p. 7-8.
42. Scheufele, 1996.
43. Os jornais do século XIX na Alemanha publicavam cartas de pessoas que haviam emigrado para outros países e queriam entrar em contato com amigos e familiares que haviam permanecido na Alemanha e, também, os agentes das colonizadoras faziam uso das mesmas com a publicação de partes que enalteciam a região (Cópia xerox da autora – material original pesquisado em microfilmes e jornais na University of Stanford, Palo Alto, Califônia – EUA).
44. SCHERÖDER, Augusto. **Entrevista concedida a Flávia Mergener.** Joaçaba, julho de 1996.
45. SCHEUFELE, Fritz Guilherme. **Entrevista concedida a Josias Ricardo Hack.** Joaçaba, março de 1996.
46. Idem.
47. De acordo com a entrevistada Edith Elenore Altenburger, os seus pais emigraram da Alemanha, em meados de 1922, para fugir da situação reinante no país. ALTENBURGER, Edith Elenore. **Entrevista concedida a Josias Ricardo Hack.** Joaçaba, março de 1996.
48. Scheufele, 1996.
49. Volksverein, 1933, p. 45.
50. Ibidem, p. 41.
51. DIETZ, Maria. Itapiranga, junho de 1998.
52. GOERCK, Maria L. Itapiranga, 18 de abril de 1998.
53. Idem.
54. RICK, Johannes, S.J. Der Deutschbrasilianer. In: **Jahrbuch des Reichverbandes für die Katolischen Auslandsdeutschen**, n. 4, Munique, 1931/1932, p. 211-216.
55. Scheufele, 1996.
56. Ibidem.
57. TRAIANO, Luiz. **Entrevista concedida a Flavia Mergener.** Joaçaba, julho de 1996.
58. Esses aspectos são discutidos com detalhes na minha tese de Doutorado.
59. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brasil. (Realizado em 1 de setembro de 1920) Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1926, vol. IV, p. 520.
60. Ibidem, p. 520.
61. INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informações Estatísticas do município de Chapecó – relativas ao ano de 1940.** Informação n. 30 – 4ª Divisão Técnica. Cruzeiro: Empresa Gráfica Cruzeiro, 1942.
62. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sinopse Estatística do município de Joaçaba - principais resultado censitários de 1940.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1948, p. 13.

